

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE ARTHUR SCHOPENHAUER:

diálogo possível com a Ciência da Informação

Julianne Teixeira Silva

Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba

Carlos Xavier Azevedo Netto

**Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade
Federal da Paraíba**

***SCHOPENHAUER'S THEORY OF KNOWLEDGE: A POSSIBLE DIALOGUE WITH INFORMATION
SCIENCE***

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Trabalho adaptado de parte de uma tese de doutorado. Tem como objetivo apresentar à Ciência da Informação (CI) a teoria do conhecimento de Arthur Schopenhauer. Trata-se de uma discussão teórica, por meio de pesquisa bibliográfica, destacando pontos conceituais da filosofia schopenhaueriana que se coadunam com aportes da CI. Com a intenção de apontar caminhos para estabelecer o diálogo entre o filósofo e a Ciência da Informação, a pesquisa abordou a concepção de representação em Schopenhauer, especificamente na análise de sua obra magna intitulada “*O mundo como vontade e como representação*”. A partir desta obra são analisados alguns dos elementos fundamentais que compõem sua teoria do conhecimento a fim de encontrar aportes que subsidiem pontos de reflexão entre a filosofia schopenhaueriana e a Ciência da Informação por meio da noção de representação. A partir do entendimento de que o diálogo entre essas duas temáticas pode apresentar matizes singulares para o escopo da Ciência da Informação. Foi possível identificar que, a forma como Schopenhauer aborda a “Representação”, a “Vontade” e especialmente, como apresenta as “esferas conceituais” dentre tantos outros argumentos da sua teoria do conhecimento, suscitam que, sim, é possível partir de seu pensamento para fundamentar reflexões sobre a representação da informação.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; Teoria do Conhecimento; Arthur Schopenhauer.

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018
22 a 26 de outubro de 2018 – Londrina – PR

Abstract: This paper is adapted from a piece of a doctorate thesis. Its objective is to present the Theory of Knowledge of Arthur Schopenhauer to Information Science. It is a theoretical discussion, by means of a bibliographic research, highlighting conceptual points of Schopenhauer's philosophy which coadunate with contributions of Information Science. In the intention of appointing ways to establish a dialogue between the philosopher and Information Science, the research is approached the conception of representation by Schopenhauer, specifically in the analysis of his masterpiece named "The world as will and as representation". From this masterpiece, some of the fundamental elements that composed his theory of knowledge are analyzed, in order to find contributions that subside reflection points between Schopenhauer's philosophy and Information Science by means of the notion of representation. From the understanding that the dialogue between these two themes can present singular shades to the scope of Information Science, it was possible to identify that the way Schopenhauer approaches the "Representation", the "Will" and, especially, how the "conceptual spheres" are presented, among many other arguments of his theory of knowledge, showing that is possible start from his thoughts to embase reflections about information representation.

Keywords: Information Science; Theory of Knowledge; Arthur Schopenhauer.

1 INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a Ciência da Informação (CI) possui parte de seus princípios fundamentados na Filosofia e na Lógica do período clássico, sendo Aristóteles seu principal nome. Ao longo do tempo outras vertentes e outros filósofos foram somando diversas compreensões e olhares, estabelecendo novas bases epistemológicas.

Deslocamentos de natureza epistemológica possibilitam dinamicidade científica e estimulam avanços da área, no sentido da ampliação de seus quadros teóricos, filosóficos, metodológicos, bem como do instrumental aplicado. No escopo da CI, o campo da representação da informação absorve, em sua base, os fundamentos filosóficos para a construção de seus pressupostos teóricos e aplicados, e ao longo de sua trajetória vem intensificando trabalhos e pesquisas na direção de perspectivas que se adequem ou que respondam às novas demandas de organização de objetos informacionais.

A representação da informação tem suas origens marcadas nos aspectos da linearidade do conhecimento, e no decorrer de sua trajetória, desde a antiguidade clássica até os dias atuais, se apoiou sobretudo em teorias racionalistas, positivistas e pragmáticas do pensamento ocidental. As bases da representação na Ciência da Informação como se veem ainda hoje se configuraram sob o arranjo aristotélico todo-parte.

Num tempo em que a vida se apresentava na materialidade das coisas e dos fatos, esse arranjo se sustentou e deu conta de atender, a contento, às demandas teóricas e práticas da representação e suas ações correlatas de busca e acesso à informação. Contudo, em tempos onde o cotidiano se encontra permeado na virtualidade das tecnologias digitais da informação e da comunicação, o tradicional delineamento da representação da informação se apresenta em colapso.

Ações científicas bem fundamentadas, teórica e metodologicamente, dentro de princípios éticos, proporcionam enfrentamentos dos problemas informacionais mais urgentes e atribui, ainda, maior visibilidade acadêmica frente à sociedade e à comunidade científica nacional e internacional.

A filosofia de Schopenhauer se orienta por um conceito-chave metafísico denominado Vontade. Na metafísica da Vontade está o ponto central de todo seu construto filosófico. Para o filósofo, a Vontade não possui nenhum fundamento racional. É, segundo ele, uma força cósmica, volitiva, cega e dinâmica - o princípio de tudo, que rege todos os fenômenos, do reino mineral até a intimidade da individuação humana.

Arthur Schopenhauer (1788-1860) nasceu em Dazin, atual região da Polônia, no fim do século XVIII e sua filosofia foi desenvolvida no século XIX. Bastante lido e apreciado por artistas e escritores da época, exerceu influências em vários campos do conhecimento. Contudo teve pouca inserção no meio acadêmico. Kant foi seu grande referencial e aprimorou sua obra fazendo crítica à “razão” de seu mestre.

Com tímida inserção no âmbito acadêmico brasileiro até a década de 1990, a filosofia schopenhaueriana se manteve à margem das discussões em CI. Este filósofo foi o primeiro do ocidente a apresentar convergências entre a filosofia oriental (pensamento Vedanta – budismo) e a filosofia ocidental. Especificamente neste caso, com a filosofia platônico-kantiana influenciando e traçando um aspecto metafísico em seu pensamento que se configura a partir do conceito de Vontade. Schopenhauer estabelece uma construção do conhecimento baseada na transcendência dessa Vontade e na imanência da Representação tendo como referência o sujeito cognoscente.

Este trabalho trata de um estudo de natureza teórico-filosófica, por meio de pesquisa bibliográfica em torno do pensamento de Schopenhauer, destacando pontos conceituais de sua filosofia que se coadunam com fundamentos da CI. Com a intenção de expor caminhos para estabelecer este diálogo, a pesquisa apresenta a concepção de Representação para Schopenhauer, especificamente na análise de sua obra magna intitulada “O mundo como vontade e como representação”. A partir desta obra são analisados alguns dos elementos essenciais de sua teoria do conhecimento e o encontro dessas duas temáticas pode apresentar matizes singulares para o escopo da Ciência da Informação.

Com o desenvolvimento da pesquisa foi possível identificar que a forma como Schopenhauer aborda a Representação, a Vontade e especialmente, como apresenta as “esferas conceituais” dentre outros argumentos de sua teoria, suscitam que sim, é possível partir de seu pensamento para fundamentar reflexões sobre a representação na Ciência da Informação.

2 ARTHUR SCHOPENHAUER E A TEORIA DO CONHECIMENTO

Arthur Schopenhauer foi um filósofo bastante lido e apreciado por artistas e escritores de sua época. Por muito tempo Schopenhauer foi incompreendido e pouco aceito na academia. Barboza (2008) atribui essa rejeição ao fato de Schopenhauer incorporar em sua filosofia elementos do pensamento oriental como, por exemplo, o *Veda* ortodoxo e o

budismo, algo que os adeptos da tradição ocidental-europeia não viam com bons olhos. Contudo, atualmente, seu pensamento vem despertando interesse no cenário acadêmico.

Sua tese foi escrita em 1813, “Sobre a quádrupla raiz do princípio da razão suficiente” (*Vierfach Wutzel der Zats uber zurechern Grund*). Seguindo o caminho filosófico iniciado em sua tese, publica, em 1818, sua obra mestra “o mundo como vontade e como representação” (*Die Welt als Wille and Vorstellung*) onde exprime e mescla suas influências que perpassam a filosofia kantiana e o pensamento oriental.

Estudiosos como Cacciola (1994), Strathern (1997), Barboza (2008) e Nascimento (2015) mostram que Schopenhauer tinha personalidade austera, não se preocupava em agradar as pessoas ou ser simpático. Não tinha falsa modéstia, sabia que era uma mente que se destacava, isso lhe conferia certa arrogância. Teve uma vida conturbada, colecionou inimigos (entre eles Hegel), além de vivenciar inúmeras decepções amorosas.

A princípio, suas obras não foram bem recebidas e Schopenhauer passou boa parte de sua vida indignado com sua pouca fama. Apenas em sua velhice foi capaz de usufruir de reconhecimento por suas obras que passaram a receber boas críticas, resultando em considerável aumento nas vendas. Finalmente recebeu as congratulações que tanto esperou. Como descreve Strathern (1998, p.16) “Aos sessenta e cinco anos, após mais de trinta e cinco de espera, ‘o Nilo chegara ao Cairo’, segundo as palavras de Schopenhauer”. Entretanto não desfrutou por muito tempo de sua glória e vem a falecer aos 72 anos, não deixou esposa, nem filhos, apenas seu cão Atma estava em sua companhia no fim da vida.

O cavalheiro solitário, como Nietzsche o chamava, na manhã de 21 de setembro de 1860, é encontrado por sua criada de quarto, reclinado no sofá, vitimado pela pneumonia. Schopenhauer despertara enfim, do breve sonho da vida. (MONTEIRO, 2011, p.24).

A classificação de sua filosofia é controversa. Contudo pode ser considerado como filósofo idealista (por causa de sua acepção de representação como produto da mente) porém, seu pensamento diverge dos principais pensadores idealistas alemães, sobretudo da filosofia de Schelling, Fichte e Hegel.

Sua filosofia compõe um sistema e pode ser dividida em quatro temas principais: conhecimento, natureza, estética e ética. Todos esses temas estão incorporados no Tomo I de sua obra principal “O mundo como vontade e como representação”. O foco desta pesquisa será centrado na teoria do conhecimento de Schopenhauer, onde as noções de representação e vontade são nucleares. Sua obra tem o viés de “um princípio irracional do mundo, a Vontade

de vida, ímpeto cego, em referência à qual a faculdade de razão é secundária” (BARBOZA, 2008, p.111).

Na metafísica da Vontade está o ponto central de todo seu construto filosófico. Para Schopenhauer a Vontade não possui nenhum fundamento racional. É, segundo ele, uma força cósmica, volitiva, cega e dinâmica - o princípio de tudo, que rege todos os fenômenos, do reino mineral até a intimidade da individuação humana.

Através da Metafísica da Vontade, Schopenhauer nos demonstra que o mundo não é regido e ordenado por um princípio racional, mas sim pela Vontade, um ímpeto cego e irracional, destituída de consciência, sem qualquer finalidade ou propósito. Na filosofia schopenhaueriana, a Vontade não possui em si nenhum fundamento ou sentido, ela se caracteriza como um esforço interminável, um fluxo sem fim pela existência, onde em nenhuma parte do mundo fenomênico encontra repouso e plena satisfação. Noutros termos, a Vontade é um constante estado de insatisfação e de inquietude, ou seja, um eterno vir-a-ser, no qual nunca cessa de querer. (NASCIMENTO, 2015, p.14).

O sistema filosófico de Schopenhauer rompe com as tradicionais linhas da teoria do conhecimento e desloca a razão da centralidade das discussões epistemológicas e insere a metafísica da Vontade como o ponto central de sua teoria do conhecimento. Significa dizer que, a razão não é mais o princípio ordenador do mundo, como vinha sendo exposto pela tradição filosófica que o antecedeu.

Divergindo de Kant, em seus conceitos fundados na epistemologia transcendental, Schopenhauer enfatiza que um dos problemas da filosofia kantiana é o conceito de “a coisa em si”, afirmando que Kant não reconheceu na vontade a coisa em si. Dessa feita, Schopenhauer constrói sua filosofia do conhecimento refutando o mestre.

Kant, decerto, não atingiu o conhecimento de que o fenômeno fosse o mundo como representação e a coisa em si a vontade. Mas ele mostrou que o mundo fenomênico é tão condicionado pelo sujeito quanto pelo objeto e, isolando as formas mais gerais de seu fenômeno, isto é, da representação, demonstrou que se conhece a essas formas como partindo não só do objeto, mas igualmente também a partir do sujeito e que se abraça essas formas segundo sua legalidade inteira porque elas são propriamente entre sujeito e objeto o limite comum a ambos e conclui que, acompanhando-se esse limite, não se penetra nem no interior do objeto, nem no do sujeito, e, conseqüentemente, não se conhece nunca a essência do mundo, a coisa em si (SCHOPENHAUER, 1985, p.81).

Schopenhauer contesta o idealismo alemão e insere em sua filosofia elementos pouco familiares ao racionalismo. Ele busca na filosofia oriental fundamentos cruciais para o desenvolvimento de seu pensamento. Dessa forma desenvolve sua filosofia não apenas

ênfatizando a representação, mas também a vontade. “O mundo é minha representação”, e num mesmo tom, também afirma “o mundo é minha vontade”.

Além da influência kantiana, Schopenhauer foi também sugestionado pela filosofia oriental (leu as primeiras versões alemãs dos Upanixads). No pensamento da Índia antiga, Schopenhauer encontrou o conceito de Maya, o qual faz referência ao aspecto ilusório do mundo como uma manifestação da multiplicidade de fenômenos.

O conceito de Vontade de Schopenhauer foi, em grande parte, inspirado por essas leituras. O que o filósofo quer dizer com esse conceito é que tudo o que se percebe com os cinco sentidos, inclusive nossas próprias vidas são manifestações de uma força ou energia cósmica. Ele descreve como um impulso cego, um esforço sem cessar, um eterno devir.

No Brasil, Schopenhauer tem sua inserção ainda no século XIX, com a tradução, em 1887, de fragmentos e alguns pensamentos da metafísica do amor, desta data até a década de 1970 as publicações de Schopenhauer foram rarefeitas. Bottmann (2016) detalha que nesse período poucas obras foram traduzidas para português, contudo na década de 1970 foi publicado o volume da coleção “Os Pensadores”, da Abril Cultural, dedicado à Schopenhauer. De acordo com a autora: “Embora essa década também seja escassa, aqui temos uma edição que foi um marco na schopenhaueriana brasileira, apresentando ao amplo público leitor uma coletânea de rigor acadêmico, com diversas reedições” (BOTTMAN, 2016, p.254).

O cenário começa a mudar a partir dos anos 2000, quando uma série de publicações schopenhauerianas são apresentadas pelo mercado editorial e de acordo com Cacciola, Salviano e Debona (2013) a partir de 2010 há uma afluyente atividade de traduções em curso, a serem lançadas, especialmente por parte das editoras universitárias.

No meio acadêmico o marco se dá com os estudos empreendidos pela professora Lúcia Cacciola da USP, a partir da década de 1980, com suas pesquisas de mestrado e doutorado. Desde então a academia amplia sua atuação nas pesquisas e estudos sobre o filósofo e seu pensamento, com destaque para os difusivos espaços de interlocução como o GT-Schopenhauer da Associação Nacional de pós-graduação em Filosofia (ANPOF), a realização do Colóquio Internacional Schopenhauer que vem, desde 2001, acontecendo bianualmente.

A filosofia de Schopenhauer vem construindo e ampliando nacionalmente, em interlocução com entidades internacionais, crescentes espaços de estudos e pesquisas e conta, ainda, com a Seção Brasileira da Schopenhauer-Gesellschaft e de um periódico científico eletrônico, a Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer, fundada em 2010 a

qual vem mantendo sua periodicidade semestral regularmente. Conseqüentemente, não é de se estranhar que a Ciência da Informação tenha pouco contato com o pensamento de Schopenhauer.

Com a intenção de apontar caminhos para estabelecer o diálogo entre o filósofo e a Ciência da Informação, esta pesquisa gira em torno da concepção da representação em Schopenhauer, especificamente na análise de sua obra magna intitulada “O mundo como vontade e como representação”. A partir desta obra são analisados os elementos fundamentais que compõem a teoria do conhecimento a fim de encontrar aportes que subsidiem pontos de reflexão entre a filosofia schopenhaueriana e a Ciência da Informação por meio da noção de representação.

A causalidade é um dos aspectos apontados por Schopenhauer como determinante para o conhecimento. Isto é, se algo existe, existe por alguma razão. Leibniz¹, já no século XVII, tratava do **princípio da razão suficiente**, no qual afirmava que nada existe sem razões determinativas para ser como é, e não de outro modo. Significa dizer que, qualquer fato ou enunciado deve ter uma causa ou uma razão determinante para existir, e ser como é.

Além de Leibniz, vários outros filósofos tentaram estabelecer a distinção entre princípios lógicos do conhecimento (representações abstratas) e os princípios ontológicos (representações intuitivas) e destas discussões surgem as classificações do conhecimento.

Sobre o princípio da razão suficiente Schopenhauer (1998) se ancora na definição de Wolf que diz que “nada existe sem uma razão de ser, senão não seria”. O filósofo segue explicando este princípio. “Como sempre supomos *a priori*, que tudo tem uma razão, é essa suposição que nos autoriza a perguntar por toda parte por que, o “por quê” pode ser chamado de a mãe de todas as ciências.” (SCHOPENHAUER, 1998, p.30 – Tradução nossa²)

Schopenhauer trata esse tema em sua teoria do conhecimento a partir de sua tese de doutorado e ressalta, de forma crítica, que nos fundamentos da teoria do conhecimento, os filósofos que o antecederam (de Platão à Kant) confundiram o princípio do conhecimento com suas conseqüências. Como esclarece Salviano (2009):

¹ Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) Filósofo, matemático e bibliotecário alemão. Embora tenha se dedicado aos estudos da matemática e lógica, também desenvolveu pensamentos significativos em metafísica.

² “Ahora bien, como la suposición hecha siempre por nosotros a priori de que todo tiene una razón es la que nos autoriza a preguntar en todas partes «por qué», el «por qué» puede ser llamado la madre de todas las ciencias”. (SCHOPENHAUER, 1998, p.30).

Desde os gregos até Kant, diz Schopenhauer, o princípio lógico (formal) do conhecimento fora confundido com o princípio transcendental (material), motivo pelo qual não se chegou a uma distinção clara entre o que é lógico e o que é ontológico. Todos os erros da metafísica clássica, dentre os quais se destaca a prova ontológica, teriam sido gerados com base nesta confusão (SALVIANO, 2009, p.102).

Para Schopenhauer não é somente o mundo sensível – físico/material que se aparece como objeto do conhecimento mas, o próprio aparato cognitivo do homem é também objeto do conhecimento. Sendo assim forma parte desse mundo como ideia e representação.

Todo o aporte crítico à filosofia de Immanuel Kant, estabelecido na tese de doutorado de 1813 está fundamentado na distinção que Schopenhauer faz entre a coisa-em-si e o fenômeno. Analisando as categorias kantianas (categorias essas fundamentadas na lógica aristotélica), Schopenhauer constatou que tanto as formas a priori da sensibilidade quanto a intuição empírica são funções da sensibilidade. Ao observar este conflito, entre os princípios do conhecimento e suas consequências, Schopenhauer desenvolve seu pensamento epistemológico distinguindo duas modalidades do conhecimento um **intuitivo** e o outro **abstrato** (representação intuitiva e abstrata).

A **representação intuitiva** trata do lado prático da inteligência, é adquirida nas experiências sociais (homens e animais), não sendo necessária representação discursiva (nem conceitos, nem linguagem).

A **representação abstrata** é adquirida pela vida cultural, é a inteligência com atributos teóricos – apenas o ser humano a detém. Schopenhauer enfatiza que a representação abstrata possui apenas uma classe, a dos **conceitos**. Os conceitos “são sobre a face da terra propriedade exclusiva dos ser humano, cuja capacidade para formá-los o distingue dos animais, e desde sempre foi nomeada RAZÃO” (SCHOPENHAUER, 2015, p.46).

A linguagem e os conceitos são representações abstratas. Fazem a mediação entre o pensado e a realidade, isto é, a representação da representação

[...] a linguagem como qualquer outro fenômeno que creditamos à razão e como tudo o que diferencia o ser humano do animal, pode ser explicada por essa única e simples fonte: os conceitos, representações abstratas e universais, não individuais não intuitivas no tempo e no espaço (SCHOPENHAUER, 2015, p.46).

Consequentemente, ao analisar as doze categorias kantianas (Figura 4) reconhece apenas uma como intuitiva - a categoria “causalidade”, as onze demais são, para ele,

categorias abstratas do conhecimento e podem ser desconsideradas. Salviano (2009) elucida e reforça a constatação de Schopenhauer.

De acordo com Schopenhauer, Kant acaba confundindo, no final das contas, o **princípio lógico de causalidade (razão/consequência)** com o **princípio ontológico (causa/efeito)**, fazendo com que este seja extraído daquele, enquanto na teoria schopenhaueriana dá-se o contrário: na razão não existe nada que não tenha sido extraído do entendimento, ou seja, é na representação intuitiva que a representação abstrata encontra seu fundamento (SALVIANO, 2009, p.103 – Grifo nosso).

Considerando a vontade com toda a sua potência fenomênica, de manifestar-se de forma múltipla, exige do sujeito cognoscente a capacidade de representar essa multiplicidade. O princípio da razão suficiente fornece, segundo Schopenhauer, as condições necessárias para a percepção das representações. Deste modo, é possível dizer, que para Schopenhauer, todo objeto do conhecimento é orientado pelo princípio do razão suficiente.

Este princípio foi detalhadamente trabalhado em três publicações, nas quais Schopenhauer veio desenvolvendo sua teoria do conhecimento de forma concatenada e sistemática, sua tese de doutorado, um ensaio sobre as cores, até chegar ao primeiro capítulo de *O mundo como vontade e como representação*. Schopenhauer (2015) menciona que tudo o que conhecemos *a priori* é, de outra forma, o conteúdo do princípio da razão suficiente.

O princípio da razão é a expressão comum para todas essas formas do objeto das quais estamos conscientes *a priori*, e que, portanto tudo o que conhecemos *a priori*, nada é senão exatamente o conteúdo do mencionado princípio e do que dele pode ser deduzido: princípio no qual está propriamente expresso todo o nosso conhecimento certo *a priori* (SCHOPENHAUER, 2015, p.6).

Schopenhauer renova o princípio da razão suficiente ao propor a perspectiva de raiz una composta por quatro “razões” da realidade que são irreduzíveis e conectadas em si.

Este princípio é fruto da crítica às categorias kantianas, composto por quatro elementos, a saber: o **princípio do devir**, o **princípio do conhecer** e o **princípio do ser**, mais o **sujeito da Vontade**. Assim fica estabelecida a quádrupla raiz do princípio da razão suficiente, orientada pela Vontade.

De acordo com Schopenhauer (1998), O Princípio do Devir (*principium rationis sufficientis fiendi*), trata dos objetos empíricos, das representações intuitivas, materiais e completas como atividade mental que atua no campo fenomênico, capaz de organizar

sensações elementares). O Princípio do Conhecer (*principium rationis sufficientis cognoscendi*), lida com os conceitos abstratos ou ideias. Este princípio será tratado, a seguir, de forma específica. A terceira parte da raiz trata do Ser (*principium rationis sufficientis essendi*); este princípio se refere às intuições *a priori* das formas da sensibilidade interior (tempo) e exterior (espaço) e os objetos matemáticos se inserem neste princípio. Finalmente o quarto princípio reporta-se ao Sujeito da Vontade (*principium rationis sufficientis agendi*) trata do sujeito como objeto de autoconhecimento.

A reciprocidade desse limite mostra-se precisamente no fato de as **formas essenciais e universais de todo objeto – tempo, espaço e causalidade** – também poderem ser encontradas e completamente conhecidas partindo-se do sujeito, sem o conhecimento do objeto, isto é, na linguagem de Kant, residem *a priori* em nossa consciência (SCHOPENHAUER, 2015, p.6 – grifo nosso).

Como o problema proposto desta pesquisa foi o de averiguar se haveria uma forma diferenciada ou um fundamento filosófico, a partir das ideias de Schopenhauer, que alargasse o campo nocional da representação da informação no contexto da Ciência da Informação, foi possível identificar no **Princípio do Conhecer**, que trata dos conceitos (ou classe de representações abstratas) a proposta das **esferas conceituais**.

As esferas conceituais são modelos ilustrativos para demonstrar graficamente um conceito, suas relações e amplitudes na forma de circunferências. De acordo com Teles (2009) as operações lógicas e as funções discursivas, precisam ser derivadas de representações *a priori* - intuitivas.

Embora, pois, os conceitos sejam desde o fundamento diferentes das representações intuitivas, ainda assim, se encontram numa relação necessária com estas, sem as quais nada seriam; relação que, por conseguinte, constitui toda a sua essência e existência. [...] os conceitos podem ser denominados de maneira bastante apropriada **representações de representações** (SCHOPENHAUER, 2015, p.47 – grifo nosso).

A noção de conceito em Schopenhauer está diretamente relacionada a toda sua teoria do conhecimento inclusive, não se deve perder de vista que o “conceito” é um dos princípios da quádrupla raiz da razão suficiente (que é una e indivisível). Desse modo o juízo está relacionado com as esferas de conceitos e suas extensões.

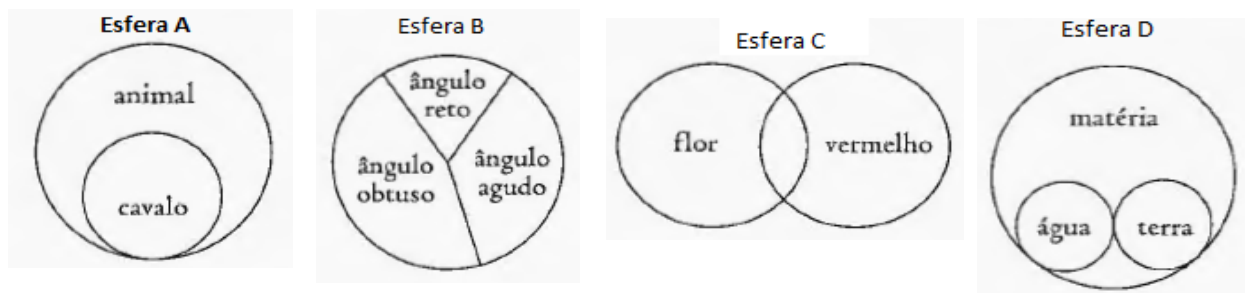
Do que foi dito se segue que cada conceito, justamente porque é representação abstrata e não intuitiva, e, precisamente por isso, não absolutamente determinada, possui

aquilo que se denomina uma extensão ou esfera, mesmo no caso em que exista apenas um único objeto real que lhe corresponde. Frequentemente observamos que a esfera de um conceito tem algo em comum com as esferas de outros conceitos, ou seja, o que é pensado em um conceito é parcialmente pensado em outro e vice-versa. Todavia se forem conceitos diferentes, cada um, ou pelo menos um deles contém algo que o outro não possui: tal é a relação do sujeito com seu predicado. (SCHOPENHAUER, 2015, p.49).

De acordo com as situações conceituais as esferas podem ser ilustradas da seguinte maneira:

As esferas são combinações de conceitos. O exemplo da esfera “A” mostra a esfera de um conceito que inclui no todo a esfera de um outro conceito. O exemplo “B” apresenta uma esfera contendo duas ou diversas outras esferas, que se excluem +e ao mesmo tempo estão

FIGURA 1: Esferas conceituais de Schopenhauer



Fonte: SCHOPENHAUER (2005, p.50).

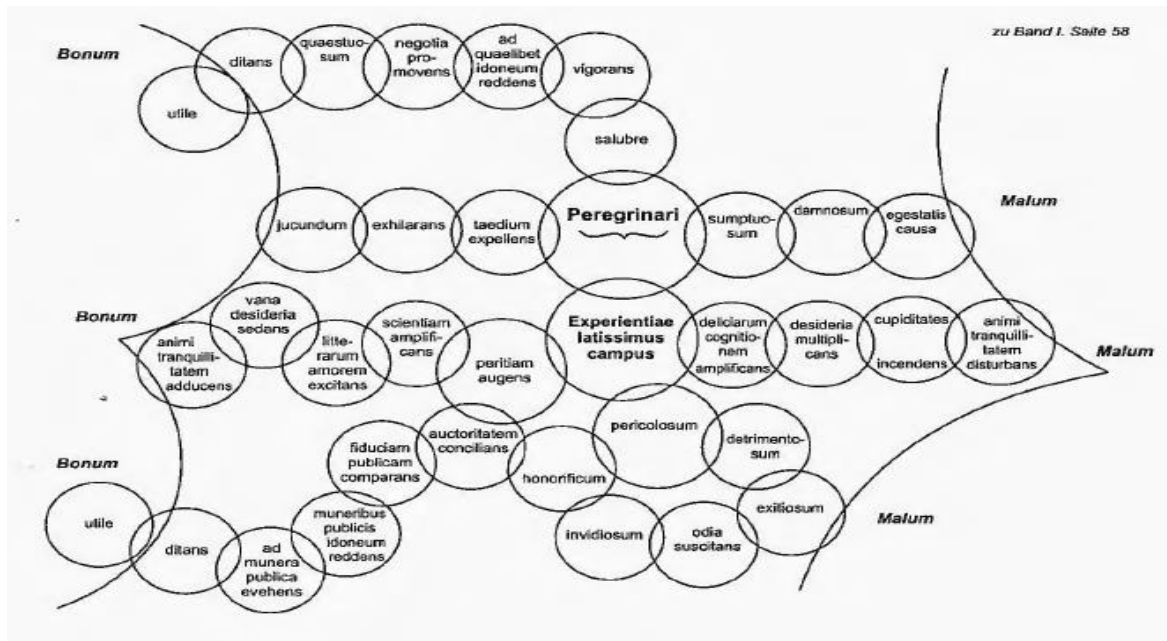
contidas na primeira esfera. A esfera “C” demonstra duas esferas contendo, cada uma, parte da outra, já a esfera “D” apresenta duas esferas contidas numa terceira; mas não a preenchem.

Estes exemplos fazem alusão às inúmeras possibilidades de relações conceituais que podem ser desenvolvidas a partir da concepção das esferas conceituais, inclusive, conforme mostra a figura 8, existe a possibilidade de se obter uma cadeia de silogismos – quando da utilização de muitas esferas arranjadas em cadeia, passando de um conceito a outro, relacionados entre si.

Diante do exposto fica patente que o *princípio do conhecer* e as *esferas conceituais* de Schopenhauer merecem uma atenção especial e pesquisas que aprofundem o entendimento dessas noções, explorando possíveis ligações com a ciência de informação.

As esferas conceituais são formas de expressar conceitos que acredita-se podem

FIGURA 2: Cadeia de esferas conceituais



Fonte: SCHOPENHAUER (2005, p.98).

corroborar com os estudos sobre representação da informação na Ciência da Informação. Em outras palavras, é possível pensar a representação na CI a partir da filosofia de Schopenhauer, pois não só as esferas conceituais dão esse subsídio para possíveis reflexões, mas outros elementos schopenhauerianos oferecem interessantes abordagens para serem melhor explorados, de modo a ampliar tais discussões.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A TEORIA DO CONHECIMENTO EM SCHOPENHAUER: APROXIMAÇÕES E PONTOS DE CONVERGÊNCIA

As bases filosóficas da representação da informação estão, indiscutivelmente, alicerçadas no pensamento clássico greco-romano bem como em seus desdobramentos ao longo do tempo.

No âmbito da Ciência da Informação a representação se estabelece, de forma instrumental, em operações como, a organização e a transferência da Informação. Caixeta e Souza (2008, p.35) afirmam que a representação é tão cara à CI que se torna “eminente uma ciência da representação”.

Robredo (2007, p.36) sustenta que ciência e filosofia não são opostas e que estes campos se complementam e defende que a Ciência da Informação necessita da aproximação

com o campo filosófico a fim de compreender tendências e conceitos que “podem contribuir para o melhor entendimento dos processos de aquisição, geração e organização do conhecimento”. O autor considera que a filosofia contribui para o aprimoramento da Ciência da Informação, deixa pistas ou abre caminhos no campo da representação da informação alegando que

[...] é patente que o estudo do pensamento filosófico, no que se refere à interpretação de conteúdos textuais, de forma a extrair os conceitos essenciais para fins de indexação dos documentos e modelagem dos dados, em repositórios e bases de dados em geral, armazenagem organizada e posterior utilização, mediante processos de busca inteligentes, tem muito a contribuir ao processo de análise da informação (ROBREDO, 2007, p.64).

A representação da informação possui suas bases teóricas no pensamento filosófico, sobretudo na teoria do conhecimento. Segundo Aguiar e Kobashi (2013) a representação pode ser entendida como uma forma de apreender um objeto ou um conceito, por meio de significação, referência ou simbolização a uma coisa distinta de si mesma, estabelecendo uma relação com aquilo que se representa ou substitui. Ou como Dodebei (2002, p.28) distingue objetos e suas propriedades - representação como objetos são “coisas que queremos representar”, enquanto que as propriedades são “as características dessas coisas”. Uma relação predicativa.

As noções de representação institucionalizam-se no âmbito das ciências e no âmbito da modernidade, como formas de explanação das ordens intuitivas do mundo real.

Os princípios de classificação e representação assim constituídos em tal importância na esfera desses discursos, que em seu momento inicial, chega-se a restringir os processos científicos às atividades de representação e classificação do segmento do mundo real em que os objetos eram (AZEVEDO NETTO, 2013, p.147).

Tradicionalmente, a área possui seus princípios fundamentados na filosofia e na lógica do período clássico, sendo Aristóteles seu principal nome. Ao longo do tempo outras vertentes e outros filósofos foram sendo incorporados às discussões da área, somando outras compreensões e olhares estabelecendo novas bases epistemológicas. Sob esse aspecto e considerando as tensões que demarcam o campo da organização e representação da informação e do conhecimento, Smiraglia (2013, p.24) assevera acerca de duas dimensões que se tencionam no campo da representação, no âmbito da CI – o **teórico versus o aplicado**, em um *continuum* conceitual e o **empírico versus racional**, em um *continuum* epistemológico.

Os princípios filosóficos que fundamentam a representação na CI se caracterizam por sua função orientada à normatização e em sua maioria estão baseados no racionalismo. Kobashi e Francelin (2011, p.2) estendem essa afirmativa a outros nomes como “Roget, Dewey, Otlet, Ranganathan, Bliss, Wuster e, mais recentemente, Dahlberg, embora tenham desenvolvido seus sistemas de organização de conceitos em diferentes épocas, o fizeram no interior do cânone do racionalismo moderno”. Significa dizer que a representação da informação possui suas bases e seu desenvolvimento, sob a predominância de uma ordenação lógica do mundo, de orientação racionalista.

Ante um olhar crítico a esse respeito Lara (2012, p.244), questiona os tradicionais sistemas de organização do conhecimento frente aos tempos atuais e expõe argumentos a respeito dos modos lógicos de representar a informação no sentido de que “Dividir para classificar pelas essências exclui a possibilidade de outras derivações. A dicotomia, a classificação binária, reduz artificialmente a complexidade do real, reduzindo também a possibilidade do sentido.”

Outro aspecto é o reforço dado por Kobashi e Francelin (2011, p.15), quando esclarecem que as teorias da Classificação e do Conceito tornaram-se universais e são de base racionalista, com raízes nas lógicas aristotélica, kantiana e fregeana. Nelas “estão as premissas de efeito normativo para a organização de conceitos em sistemas de recuperação da informação”.

A informação, como conceito, reproduz, de certa forma, os deslocamentos culturais do *locus* da relação do pensamento com o real. Temos assim a informação concebida *in re*, como estrutura ou atributo de estados de coisas no mundo; a informação como *image*, no campo do intelecto ou da consciência e finalidade, a informação *in dito*, função da linguagem, do texto ou da razão escrita. (GONZÁLES DE GOMES, 1993, p.5).

Deslocamentos de natureza epistemológica possibilitam dinamicidade científica. Estimulam avanços da área, no sentido de seus quadros teóricos, filosóficos, metodológicos e instrumental aplicado. A área da representação da informação vem intensificando trabalhos e pesquisas na direção de perspectivas que se adequem ou que respondam às novas demandas de organização de objetos informacionais, como comprova o estudo de Alvarenga e Silva (2010) no qual os resultados indicam avanços e inovações na área.

Desde suas bases teóricas os sistemas de representação da informação são trabalhados seguindo, em sua grande maioria, as estruturas aristotélicas, positivistas e

pragmatistas as quais não mais atendem ao descontínuo, efêmero e transitório mundo das tecnologias digitais da informação e comunicação.

Autores brasileiros como Lara (2012), Guimarães (2013), Alvarenga (2003), Gonzáles de Gomes (1993), Campos (2004) entre outros, possuem postura crítica sobre os modos tradicionais de representação da informação e do conhecimento, frente à complexidade do mundo contemporâneo, seja em seus aspectos teóricos, metodológicos ou aplicados. Estes autores debatem e prospectam o crescimento de pesquisas e ferramentas com fôlego (teórico e metodológico) para contemplarem uma representação da informação e do conhecimento melhor adaptada às ambiências culturais do mundo atual, com base teórica e instrumental mais flexíveis, que atendam ao *continuum* informacional³ em sua simultaneidade e diversidade, considerando contextos sociais em suas multiplicidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso aqui empreendido, não se esgota em si mesmo. Cada filósofo, cada teórico e cada conceito aqui tratado possuem muito mais detalhes e sutilezas que não foram possíveis abordar em suas complexidades.

Desse modo foram apresentados os aspectos da filosofia de Schopenhauer, especialmente, a noção de representação, com a perspectiva de trazer elucidações à representação da informação que foi descrita sob a ótica da Ciência da Informação, buscando clarear seus fundamentos teóricos e algumas reflexões à luz da filosofia, no sentido de constatar o quanto o pensamento de Schopenhauer se faz atual e é capaz de iluminar as discussões em torno da representação da informação.

Desde suas bases teóricas, os sistemas de representação da informação são trabalhados seguindo, em sua maioria, as estruturas aristotélicas, positivistas e pragmatistas. Tais fundamentos não mais atendem ao descontínuo, efêmero e transitório mundo das tecnologias digitais da informação e comunicação. No contexto brasileiro, a Ciência da Informação, vem demonstrando postura crítica sobre os fundamentos da representação da

³ *Continuum* informacional é compreendido aqui, a partir dos elementos do *Records continuum*: Abordagem desenvolvida por pesquisadores australianos em que concebem a gestão integral dos documentos (informação). Compreendendo o entorno digital e apoiando-se numa perspectiva antropológica, a gestão documental é unificada, não linear e contínua. Considerando o espaço-tempo (opera através do tempo e não no tempo) se estabelece em contextos dinâmicos em quatro dimensões, criar, capturar, organizar e pluralizar (UPWARD, 2005, p.197-222).

informação e do conhecimento, frente a complexidade do mundo contemporâneo, seja em seus aspectos teóricos, metodológicos ou aplicados.

Verifica-se também, que em seus entornos de investigação científica, são debatidos e prospectadas pesquisas e ferramentas que contemplem uma representação da informação e do conhecimento melhor adaptada às ambiências culturais do mundo atual, com base teórica e instrumental mais flexíveis, que atendam o *continuum* informacional em sua simultaneidade e diversidade, considerando contextos sociais em suas multiplicidades, contudo sem perder de vista as especificidades e domínios dos campos especializados do conhecimento.

A forma como Schopenhauer aborda a representação e a Vontade como base metafísica, o modo como insere a causalidade no fundamento da representação, seu questionamento sobre as categorias kantianas, além da forma como defende seus argumentos sobre a raiz quádrupla da razão suficiente, e especialmente, como apresenta as esferas conceituais dentre tantos outros argumentos da sua teoria do conhecimento, suscitam que, sim, é possível partir de seu pensamento para fundamentar reflexões em torno da representação da informação. Assim sendo, fica aqui o registro das interessantes possibilidades de novos estudos e pesquisas e desdobramentos múltiplos que podem surgir no âmbito da Ciência da Informação a partir do pensamento de Arthur Schopenhauer comprovando ou refutando suas singularidades filosóficas.

Estes e outros conceitos e argumentos desenvolvidos por Schopenhauer, instigam, de forma provocativa, a pensar a representação e a informação no âmbito da Ciência da Informação na contemporaneidade. Alvarenga (2003) corrobora afirmando que em meio a tantas mudanças, incertezas e desafios, do contexto tecnológico, cumprem-se ter em mente que, por serem dependentes de uma abordagem cognitivo-ontológica-epistemológica, as eternas e intransponíveis dúvidas metafísicas, relativas à estrutura, à essência e à efemeridade do conhecimento humano interferem no processo de organização do conhecimento, campo essencial no contexto da Ciência da Informação.

Em última análise, a noção de representação em Schopenhauer não se esgota no que foi explanado até aqui. Existem outros tantos conceitos e demais argumentos desenvolvidos pelo filósofo, que merecem atenção dos que pesquisam sobre a representação da informação. Partindo do argumento de que as noções de representação e vontade são nucleares na filosofia schopenhaueriana e que seu pensamento possui como viés de “um princípio irracional do mundo, a Vontade de vida, ímpeto cego, em referência à qual a faculdade de

razão é secundária” (BARBOZA, 2008, p.111), verifica-se uma possibilidade de olhar fora das bordas do racionalismo lógico que é fundamento premente nos estudos clássicos da Representação da Informação. O intuito desta tese foi o de inserir o pensamento schopenhaueriano no seio da Ciência da Informação, acreditando que o mesmo precisa ser explorado e investigado para que assim possa trazer outras contribuições para os estudos sobre representação no âmbito da CI.

Considerando este propósito, acredita-se que, o que foi apresentado aqui, se estabeleça como um ponto propulsor para provocar a curiosidade, o interesse em explorar e aprofundar tantas outras pesquisas na área sob o pensamento schopenhaueriano. A área demanda ampliação e consubstanciamento de suas bases epistemológicas a fim de dar um salto além dos estoques positivistas, racionalistas e pragmatistas. Isto não significa que as bases epistemológicas tradicionais não atendam os ambientes informacionais, em sua generalidade. O movimento epistemológico da área da Representação da Informação são marcos que não se excluem, ao contrário, na multiplicidade do mundo atual, esses movimentos tendem a uma confluência frente a cada realidade informacional.

É possível, nesse momento destacar as “esferas conceituais”, pois são um interessante elemento do pensamento de Arthur Schopenhauer que traz afinidades nocionais com a ideia de representação da informação. Todo o construto argumentativo e filosófico das esferas de Schopenhauer merece um aprofundamento por meio de pesquisas no campo da Ciência da Informação. Aqui foram apenas pontuados alguns de seus aspectos. Acredita-se que, ao ampliar as pesquisas sobre seus pressupostos, por consequência também, se ampliaram as discussões e reflexões sobre a representação na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. L.; KOBASHI, N. Y. Organização e representação do conhecimento: perspectivas de interlocução interdisciplinar entre ciência da informação e arquivologia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), 14., 2013.

ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 18-40, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. **A representação e interpretação de um antigo sistema de informação**: os grafismos rupestres no Brasil. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

BARBOZA, J. Schopenhauer. In: PECORARO, R. **Os filósofos**: clássicos da filosofia de Kant a Popper. Rio de Janeiro: Vozes, PUC-Rio, 2008. p.111-132. v. 2.

BOTTMANN, D. G. Arthur Schopenhauer no Brasil (1887-2015). **Belas Infiéis**, v. 5, n. 1, p. 251-259, 2016. Disponível em:
<<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/viewFile/19522/13912>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

CACCIOLA, M. L. M. O. **Schopenhauer e a questão do dogmatismo**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CACCIOLA, M. L. M. O.; DEBONA, V.; SALVIANO, J. A história e a atual situação dos estudos schopenhauerianos no Brasil. **Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer**, v. 4, n. 1, p. 146-150, 2013. Disponível em: <<http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v4-1-2013-art8-caccioladebonasalviano.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

CAIXETA, M.; SOUZA, R. R. Representação do conhecimento: história, sentimento e percepção. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 34-55, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1815/1688>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

CAMPOS, M. L. de A. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 1, 2004.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, p. 1-6, 1993. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/479>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

GUIMARÃES, J. A. C. A ISKO-Brasil e suas perspectivas de interlocução em âmbito internacional In: DODEBEI, V. GUIMARÃES, J. A. C. (Org.) **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil; Marília: FUNDEPE, 2013. p. 273-274.

KOBASHI, N. Y.; FRANCELIN, M. M. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 16, n. 2, p. 1-24, 2011.

MONTEIRO, F. J. S. **Dez lições sobre Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes. 2011.

NASCIMENTO, I. de S. A metafísica da vontade em Schopenhauer. **Revista Lampejo**, v. 2, n. 8, p. 1-15, 2015.

ROBREDO, J. **Filosofia da ciência da informação ou Ciência da informação e filosofia: Para entender a ciência da informação.** Salvador: EDUFBA, 2007. p. 35-73.

SALVIANO, J. O. S. O fundamento epistemológico da metafísica da Vontade de Arthur Schopenhauer. **Revista Trans/Form/Ação [on-line]**, v. 32, n. 2, p. 101-118, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v32n2/v32n2a06.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

SCHOPENHAUER, A. Crítica da Filosofia Kantiana. In: **Schopenhauer: os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1985. p.83-182.

_____. **O Mundo como Vontade e como Representação.** Primeiro Tomo. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. **O Mundo como Vontade e como Representação.** Primeiro Tomo. Tradução de Jair Barboza. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. **O Mundo como Vontade e como Representação.** Tradução de Jair Barboza. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. **De la cuádruple raíz de razón suficiente.** Madrid: Editorial Gredos, 1998. Disponível em: <http://juliobeltran.wdfiles.com/local--files/cursos:%20ebooks/Schopenhauer_Cu%C3%A1druple%20ra%C3%ADz.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SMIRAGLIA, R. The epistemological dimension of knowledge organization. In: DODEBEL, V.; GUIMARÃES, J. A. C. (Org.) **Complexidade e organização do conhecimento: desafios de nosso século.** Rio de Janeiro: ISKO-Brasil; Marília: FUNDEPE, 2013. p. 17-25.

STRATHERN, P. **Kant em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.

TELES, A. **O sistema de filosofia transcendental de Schopenhauer: uma interpretação e defesa.** 2009. 233 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.